



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante
cerimônia de lançamento do programa Turismo nos Parques**

Petrópolis-RJ, 13 de setembro de 2008

Sérgio, para mostrar que não quero falar muito, leve o discurso. Eu vou ser muito breve, porque eu e o Sérgio comentávamos que o Barretto e o Minc já disseram o que tinha que dizer aqui hoje.

Apenas um dado que considero importante. Quando o Minc assumiu o Ministério do Meio Ambiente, assumiu no lugar da companheira Marina, que é um ícone, para nós, na defesa do meio ambiente. Todo mundo que conhece a Marina sabe o que a Marina representava para nós, do governo, para o Brasil. Chegou um momento em que ela decidiu, então, que estava na hora de deixar o governo, e muita gente ficava apreensiva se nós iríamos conseguir colocar no lugar alguém que tivesse o mesmo prestígio da companheira Marina.

Eu me lembro de que no discurso da posse, fiz uma comparação entre o Pelé e o Amarildo. Aliás, Sérgio, hoje encontrei o Amarildo. Encontrei vários jogadores, dentre eles o Amarildo. E eu lembrava que o Pelé foi à Copa do Mundo de 1962, no Chile, como a grande esperança do Brasil para a gente ser bicampeão, e quis o destino que ele se machucasse. De repente, entrou o Amarildo. E o Amarildo fez aquilo que as pessoas esperavam que o Pelé fosse fazer. Ele e o Garrincha nos trouxeram o título da Copa de 1962.

O Minc tem dado um ritmo à questão ambiental que é uma coisa extremamente importante. Eu confesso a vocês que é muito difícil para um presidente. A gente briga muito com governador, com deputado, com senador, quando a gente demarca uma área. Dependendo do estado em que a gente demarca uma área de reserva, tem empresários locais brigando com a gente, tem o governador às vezes contra, tem, às vezes, o prefeito da cidade contra, uma série de pessoas. Não é apenas o ato bonito de assinar aqui. É o ato



bonito de assinar aqui, depois a gente vai à cidade e encontra o pessoal com faixa protestando contra você.

Eu acho que até então a gente cometia uma coisa que não era muito boa. Assinávamos um ato de preservação de um parque, e só ficávamos sabendo eu, o ministro que assinava e as pessoas que estavam ali. A sociedade não sabia. As pessoas dos locais mesmo, não sabiam. A gente, então, adotou a política de “vamos preservar e vamos proibir”. Essa coisa de proibir me lembra muito a idéia de uma mãe que faz um monte de brigadeiros, o filho vendo-a fazer. Depois ela coloca os brigadeiros na geladeira e fala para o filho: “Não come”. Só tem um jeito do moleque não comer: colocar um guarda para tomar conta da geladeira ou a criança ser educada de que não pode comer aquele brigadeiro.

Preservar uma área e apenas dizer, na lei, que é proibido fazer qualquer coisa e não ter uma orientação, não ter uma utilização e não ter guarda, vai acontecer como está acontecendo nos parques nacionais: desmatamento selvagem, queimadas e outras coisas mais. Não se cria incentivos para aquilo ser utilizado de forma correta, proíbe-se.

No centro de uma cidade está escrito: “Não pise na grama”. É um convite para pisar. Imagine a 2 mil quilômetros de distância da sede do Ministério do Meio Ambiente, que não tem ninguém, às vezes não tem um carro do Ibama. E quando tem carro, não tem gasolina, quando tinha gasolina não tinha motorista. Foi assim que encontramos este país.

Consertar este país e permitir que ele chegue ao estágio em que estamos hoje é o começo da construção de uma nação. Uma nação começa a se formar não quando somos um amontoado de pessoas morando numa determinada área geográfica. Ela começa a se formar quando tem um conjunto de pessoas que começam a acreditar que juntos podemos construir uma série de coisas para o bem comum daqueles que vivem em determinada região.

Hoje nós estamos vivendo esse momento. Vocês viram aqui os acordos



assinados entre o Ministério do Meio Ambiente e o Ministério do Turismo. Tudo o que temos de bonito e de bom, temos que criar as condições para que todo mundo saiba que é bonito e bom. E para a gente dizer que isso é bonito e bom, precisamos abrir uma pousadinha no lugar.

Por que é proibido fazer uma pequena pousada ou algumas pousadas espalhadas ao longo de um parque? Fazer picadas para que as pessoas possam percorrer aquilo? Permitir que as pessoas façam pesca ecologicamente correta - sem aquela fiska no anzol que machuca o peixe - que pega o peixe e volta?

Como é que a gente vai convencer as pessoas a irem lá se não podem fazer nada? Você chega num parque e tem uma placa: "Proibido tudo". O cara não vai ou vai fazer picada por conta própria, quebrar, desmatar. Como no Parque da Água Mineral, em Brasília, em que as pessoas levavam xampu para tomar banho no Parque, na água mineral. É assim, na cara da gente, na capital, imagine no meio do mato...

Então, Minc, quero dar os parabéns a você e ao Luiz Barretto, porque penso que estamos apresentando à sociedade brasileira uma coisa que a Marina falava: não basta apenas proibir. É melhor a gente dizer como fazer o melhor possível e dar utilidade às coisas.

Eu ando pelo Brasil. A quantidade de parques que nós temos, a quantidade de mata que estamos preservando... Eu acho que tem mais para ser preservado ainda. Só tem sentido se a gente permitir que a sociedade brasileira possa adentrar esse... Gostou do adentrar? É uma palavra ambientalmente correta. Se a gente permitir que as pessoas possam adentrar o desconhecido e começar a fazer divulgação... Nós não utilizamos a televisão para fazer propaganda disso. As pessoas não sabem que esses parques existem, os estados não fazem propaganda em outros estados, o que é um absurdo. Se o governador Sérgio Cabral quer que alguém de um outro estado venha aqui conhecer alguma coisa, cabe a ele – que sempre vai pedir um



dinheirinho para nós – colocar na televisão daquele outro estado a coisa boa do Rio de Janeiro. Como cabe aos outros estados colocarem aqui, no Rio de Janeiro, a publicidade sobre as coisas boas do seu estado. Senão nós vamos para Miami, para a França, vamos para qualquer lugar que sabemos que existe. Como não sabemos que as nossas coisas existem, nós não visitamos.

Essa coisa que eu acho que é forte, e que nós precisamos fazer cada vez mais: gostar de nós mesmos. Essa é uma palavra que eu acho que é mágica: nós, brasileiros, aprendermos a gostar das coisas que temos e fazer o melhor uso possível delas, coisa que não fazemos.

O Minc sabe de uma coisa. Quando eu o convidei para ir para o Ministério, ele estava querendo, não querendo... Sabem aquele cara que fala: “Eu não quero, mas eu quero”. Eu sabia que ele era necessário, já sabia. Há muitas décadas conheço o Minc, não sabia dessa parceria dele com o Luiz Barretto, mas eu o conhecia perfeitamente bem. E eu tinha consciência de que o Minc iria trazer para a questão ambiental uma mentalidade carioca, uma coisa alegre, uma coisa boa.

Ao mesmo tempo em que o Minc aparece nos jornais parecendo que vai detonar o mundo, no dia seguinte ele está negociando com a pessoa que ele criticou. Ele toma iniciativa, vai lá e faz acordo com uma visão extraordinariamente construtiva, o que é bom para o País, o que é bom para o turismo.

Apesar dos números que o Barretto disse aqui, não me sinto satisfeito por um país do tamanho do Brasil receber apenas 5 milhões de turistas. Célio, você que é um homem de comunicação, é difícil receber turismo aqui, quando a gente vê os canais de televisão do Brasil, lá fora, falando de morte, de assalto, de bala perdida, de estupro. O noticiário que passa para nós aqui, você assiste lá fora.

Qual é a política que nós temos para mostrar que este país tem coisas mais importantes? A coisa mais importante que nós temos não é a Serra da



Capivara, a Serra do Anzol, a Serra não sei das quantas. A coisa mais importante que nós temos é que não existe no mundo um povo com a alegria do povo brasileiro. Em todas as pesquisas que nós fazemos, o índice, a coisa que aparece com melhor qualidade para os turistas estrangeiros é exatamente o jeito de ser dessa gente humilde do nosso País. Esse é um cartão postal extraordinário.

Agora, essa gente deve estar no parque, para receber os turistas. A gente, ao demarcar um parque, não tem que expulsar os índios de lá, não tem que expulsar os camponeses de lá. A gente tem que transformá-los em guardas daquele parque, em guardiões da nossa preservação ambiental.

Eu acho que é um grande começo, Minc. Estou satisfeito. Acho que vou aproveitar este momento para dizer para vocês da parceria que estamos estabelecendo neste momento com o governador Sérgio Cabral. Eu acho que o Rio de Janeiro precisava disso, acho que o Brasil precisava disso. O Rio de Janeiro e o Brasil se dando bem, é muito mais fácil todo o conjunto do Brasil se dar bem.

Toda vez que você elege um prefeito, e ele quer fazer um *bunker* contra o governador; ou você elege um governador que quer fazer um *bunker* contra o governo federal; ou você elege um governo federal que não quer nem conversa com os governadores e com os prefeitos, nós já sabemos, de cara, quem é o prejudicado: é o povo que elegeu o prefeito, o governador e o presidente da República.

Na hora em que a gente constrói um entendimento de que juntos, cada um colocando um pouco daquilo que pode colocar, a gente pode construir o todo que o povo necessita, a gente percebe que as coisas começam a andar. O povo está num clima de otimismo, no Brasil, muito importante. As coisas estão acontecendo nos 27 estados da Federação. Se vocês visitarem o Brasil, hoje, em mais de 5.200 municípios deste país tem obras do governo federal, em parceria com os governos estaduais, em parceria com os municípios. Se



vocês visitarem o País, hoje, vão perceber que em todos os estados tem uma extensão universitária, tem algumas escolas técnicas.

O País começou a perceber, no seu conjunto, que as coisas estão acontecendo para todo mundo. E isso só é possível porque a safra de governadores eleitos em 2006 é de governadores de qualidade, são pessoas despojadas de ódio político, são pessoas despojadas de disputas menores.

A minha relação com os governadores, hoje, é a melhor que acho que um presidente da República já teve. Não apenas com meus companheiros, com o Sérgio Cabral, com os companheiros do PT. Não. Com os do PSDB também. Pode chegar em qualquer estado, Sérgio Cabral, ou em qualquer prefeito que seja do PSDB ou do PFL. Ele recebeu tanto ou mais dinheiro que os companheiros aliados. Quando a gente chega à Presidência da República, ao governo do estado, a gente não tem que ficar com mesquinha de atender apenas os amigos, tem que atender o povo, onde ele estiver. Eu acho que isso tem dado um resultado extraordinário.

Eu estava dizendo para o Sérgio, agora há pouco, que faço uma reunião toda santa semana com um grupo de economistas. Faço reunião para analisar o que vai acontecer nos próximos dois anos, nos próximos três anos. E eu não vejo possibilidade de nenhum governador de estado deste país fracassar, até 2010.

O Rio de Janeiro tem hoje, em andamento, obras que nos últimos 40 anos não teve. Você pode sair daqui para Manaus, é a mesma coisa; você pode sair daqui para o Piauí, é a mesma coisa; você pode ir para Roraima, é a mesma coisa; você pode ir para o Rio Grande do Sul, que é governado por uma governadora do PSDB, é a mesma coisa; você pode ir para São Paulo, que é do PSDB, é a mesma coisa. Em todos os estados deste país e em todas as capitais tem um volume de obras que nos últimos 40 anos não tivemos.

A nossa geração política está predestinada ao sucesso. Teve gerações antes de você, Sérgio, que não conseguiram um real do governo federal. Teve



geração de prefeitos, antes de você, que não conseguiu um centavo do governo estadual e do governo federal, era uma miséria. O prefeito daqui, o Bomtempo sabe, reinava a miséria e a disputa pequena neste país.

Hoje, graças a Deus, o momento que o Brasil vive é tão significativo que eu posso dizer, sem olhar para a cara do Bomtempo, que nunca antes, na história deste país, os prefeitos foram tratados com a dignidade e tiveram o tanto de dinheiro que têm, como estão tendo agora. Duvido que em algum momento houve isso.

Da mesma forma que os governadores de estado. Eu duvido, qualquer um pode pesquisar, que algum governador do PSDB tenha recebido do governo do PSDB o que estou dando aos governadores do PSDB. Pode pegar em qualquer estado. Por quê? Porque a situação está boa e porque eu sou republicano. Eu sou tão republicano que, às vezes, o PT reclama que eu dou mais para os outros do que para eles.

Agora, eu acho que nós temos que ensinar este país a ser republicano: as pessoas perceberem que nós, individualmente, não somos donos de nada, que é importante a gente repartir. Como o Brasil está bem, nós estamos repartindo.

E quero aqui dizer, meu caro Sérgio Cabral, que se eu e você continuarmos mais dois anos construindo as parcerias que estamos construindo, efetivamente o Rio de Janeiro vai fazer jus ao famoso título de Cidade Maravilhosa, porque acho que nós vamos reconstruir o Rio de Janeiro.

Um abraço. Parabéns, Minc. Parabéns, Luiz Barretto, por esses acordos.

(\$211A)